

— Minha menina! exclamou em patoá. Não lutemos mais — nunca mais. Eu a amo — gosto de pegá-la. Não dis-cuta comigo. Não, não! Sejam os dois um.

Constance o encarava com seus grandes olhos tão calmos, e viu-o baixar a cabeça e imobilizar-se, mas sem a largar. Depois, olhou-a nos olhos, dizendo com seu sorriso irônico:

— Sim, juremos ser um.

— Será verdade? murmurou ela com lágrimas nos olhos.

— Sim, verdade. Sejam os dois um — de coração, de ventre, e do resto.

Constance chorava em silêncio. Ela deitou-se-lhe ao pé no tapete e a calma lhe foi voltando. Depois correram a deitar-se porque o frio se fizera intenso e estavam esgotados. Ela se aninhou, pequenina, em seus braços e dormiram logo profundamente — dois sonos num. E assim ficaram até que o sol trouxesse ao mundo um novo dia.

A luz despertou-os. Soava lá fora a música dos pássaros.

Cinco e meia, a hora de Mellors acordar todos os dias.

Que sono profundo fora o seu! Sim, mais um dia a viver, um dia novo! A companheira estava ainda em seu sono. Mellors correu-lhe a mão pela carne e ela abriu os olhos azuis, espantados; e sorriu, ainda em semiconsciência.

— Está bem acordada? perguntou-lhe Mellors.

Constance olhou-o nos olhos, sorriu, e beijou-o. E de súbito, totalmente acordada, sentou-se na cama.

— Dizer que estou aqui! e seu olhar corria pelo quarto caído, de teto em declive, e janela aberta. Não havia outros móveis além duma pequena cômoda e duma cadeira — afora a camã.

— Dizer que estamos aqui! repetiu.

Estirado no leito, Mellors a contemplava e lhe acariciava os seios debaixo da camisa. Em sua euforia ele era todo mocidade e beleza. Como os olhos lhe ficavam quentes às vezes! Constance também tinha a frescura moça duma flor.

— Quero tirar isto, e Mellors sacou-lhe a camisa de batista. Constance nua emergiu sentada, os seios levemente dourados. Ele se divertia em fazê-los bambolear como sinos.

— Quero também que tire o pijama, disse ela.

— Não, não.

— Sim, sim, ordenou Constance.

E Mellors sacou o velho pijama de algodão, repelindo a calça com os pés. A não ser nas mãos, no rosto e no pescoço, sua pele era alva como o leite, e fina. E de súbito Constance reviu aquela beleza pungente que tanto a impressionara no banho.

O ouro do sol batia nas cortinas, como querendo entrar.

— Oh! Abramos as cortinas! Os pássaros cantam lá fora! O sol que entre também, disse ela.

Mellors saltou da cama e abriu as cortinas, nu e delgado, um pouco recurvo. Abriu-as e olhou para fora num momento. Suas costas brancas e finas, suas nádegas duma estranha firmeza viril, sua nuca brunida e delicada, mas sólida...

A força daquele corpo era interior, não exterior.

— Como é belo! exclamou Constance. Tão puro, tão fino! Venha, venha! e estendeu-lhe os braços.

Mellors teve vergonha de voltar-se de frente por causa da ereção. Tomou a camisa e cobriu-se, para aproximar-se dela.

— Não! protestou Constance, sempre de braços para ele, com os seios levemente caídos. Quero ver tudo!

Mellors largou a camisa, e plantou-se diante dela, imóvel. O sol iluminava-lhe as ancas e o ventre delicado — e o falo ereto, que se projetava afoqueado da pequena nuvem brilhante de cabelos ruivos. Constance sentiu-se surpreendida e com medo.

— Estranho! murmurou lentamente. Que ar estranho tem ele, lá, tão grande! Tão sombrio e seguro de si! É então assim?

Os olhos de Mellors voltaram-se para o seu próprio corpo e riram-se. No peito a cabelugem era mais sombria, quase negra; mas na raiz do ventre, lá donde saía o falo grosso e recurvo, tornava-se dum vermelho dourado e brilhante, numa pequena nuvem.

— Tão orgulhoso! Tão senhoril! exclamou Constance inquieta. Agora compreendo por que os homens são arrogantes. No fundo, é belo! Um ser diferente de nós! Um pouco amedrontador mas belo! E é a mim que ele quer!

Constance mordida o lábio inferior, tímida e perturbada, e Mellors contemplava em silêncio o falo sempre ereto.